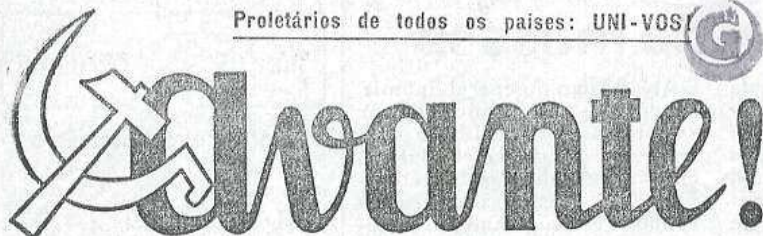


Proletários de todos os países: UNI-VOS!



# Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



Está em marcha um

## GRANDE MOVIMENTO DE MASSAS

### *Agrava-se a crise colonial e do regime*

Depois da grande campanha política de Outubro, um novo e potente movimento de massas estende-se pelo país. Hoje, tal como ontem, a classe operária continua na vanguarda da luta.

Desde Outubro, muitíssimo mais de 100 mil trabalhadores de umas 200 empresas lançaram-se em lutas pelas suas reivindicações mais imediatas, principalmente por aumentos de salários. Uns 60 mil desses trabalhadores recorreram a greves e paralisações. São nos meses de Janeiro e Fevereiro, recorreram à greve e a paralisações mais de 40 mil trabalhadores de umas 70 empresas de 6 distritos do país.

A par do movimento grevista e de variadas outras lutas, dezenas de milhar de trabalhadores têm participado em grandes e vibrantes assembleias sindicais. As lutas que se alargam mais ou menos a todo o país, e especialmente o grande surto de greves nas principais zonas industriais e o amplo movimento sindical de massas, assumem uma envergadura e extensão de difícil paralelo nas últimas décadas.

Com as suas decididas lutas, a classe operária está a obter importantes êxitos na luta por aumento de salários, pelo direito à greve e pela liberdade sindical e a apontar a todo o povo português o caminho da luta pelo pão, pelas liberdades democráticas, contra a guerra colonial e contra o poder dos monopólios. As lutas da classe operária e de outros trabalhadores associam-se as lutas de dezenas de milhar de estudantes, camponeses, intelectuais (professores, médicos, etc.), soldados, sargentos e oficiais das forças armadas, assim como as acções de milhares de antifascistas agrupados nas fileiras do Movimento Democrático, dos movimentos da juventude trabalhadora, dos estudantes, das mulheres, contra a repressão e pela Amnistia, pela segurança e cooperação europeia, etc..

Ao lado do grande movimento grevista, desenvolvem-se muitas outras lutas que assumem variadíssimas formas e abrangem as mais diversas camadas da população e regiões do país, das quais destacamos: a luta unificada de

dezenas de milhar de metalúrgicos de todo o país na conquista do salário mínimo de 6.000\$00; a luta pela liberdade sindical (cerca de 50 sindicatos agrupando centenas de milhar de trabalhadores reclamam a anulação de recentes leis e entregaram no Ministério das Corporações 33.744 assinaturas de protesto contra a ingerência do governo na gestão dos sindicatos); a luta pelas liberdades, pelos direitos de associação e contra a repressão (são de realçar as importantes acções comemorativas do 31 de Janeiro e as dezenas de milhar de assinaturas a reclamar uma ampla amnistia); a luta contra as guerras coloniais com destaque para a greve quase geral dos estudantes universitários de Lisboa, no dia 4 de Fevereiro, data do início da guerra de libertação de Angola; a tenaz

e prolongada luta dos estudantes de todo o país em defesa dos direitos de associação; as lutas contra a carestia de vida (estão a ser recolhidas muitos milhares de assinaturas); por aumento de vencimentos (os professores entregaram no MEN mais de 8 mil assinaturas), contra os aumentos de preço e deficiências nos transportes (em Coimbra houve manifestações de rua e recolheram-se mais de 15 mil assinaturas), etc., etc..

As lutas que se desenvolvem por todo o país englobam todas as camadas da população e variadas frentes de luta antifascista e dirigem-se cada vez mais abertamente contra a política anti-nacional de M. Caetano.

Manter a ofensiva e desenvolver ainda mais o grandioso movimento de massas que está em curso, es-

tender a luta a todas as empresas, ao campo, a todas as localidades, a todas as escolas, a todas as camadas e profissões, e onde for aconselhável unificar essas lutas à escala regional ou nacional, são tarefas que se impõem. Para tudo isso, é imperioso unir e organizar as massas, criar Comissões de variado tipo com vistas a desencadear e orientar novas e maiores lutas.

### Os lucros dos monopólios aumentem

A crise económica que o país atravessa é de tal modo evidente que M. Caetano não a pôde ocultar nos seus discursos feitos em Fevereiro ante os delegados do INT e da ANP. Ele falou no «espectro da crise» e na «inflação galopante», mas procurando esconder que as dificuldades e o atraso do país são o resultado (continua na 2.ª pag.)

## MAIS DE 100.000 TRABALHADORES EM LUTA Cerca de 60.000 fizeram greves e paralisações

Continua a alastrar e a propagar-se a dezenas e dezenas de empresas de várias regiões do país a grande vaga de lutas que a classe operária e outras camadas da população trabalhadora estão levando a cabo e que mobilizou já, desde Outubro muito mais duma centena de milhares de trabalhadores, dos quais cerca de 60.000 fizeram greve ou paralisaram o trabalho.

As greves na **Sacor** (Porto), na **Plessey**, na **Standard Eléctrica**, na **Applied** e na **Control-Data** em Outubro, ainda durante a grande campanha política de massas (já em Setembro se dera a greve dos pescadores de Matosinhos), seguem-se as greves e paralisações na **Alumina**, na **Algot**, na **Electro-Cerâmica**, na **IMA**, na **Signétics**, na **Fábrica Triunfo**, na **Geffa**, na **Meika**, na **Ford Lusitana**, na **Cotesi**, na **Robbialac**, na **Dyrup**, nas **Oficinas da CP** (Entroneamento), na fábrica de vidros **F. M. Pereira**, na **Cometna**, na **Sorefame**, na **Eléc-**

**tro-Arco**, na **Bis**, na **EFACEC**, na **UTIC** (Porto), na **Cetop** e ainda as greves dos 6.000 operários agrícolas de Alpiarça, Almeirim e Benfica do Ribatejo, todas já relatadas no «AVANTE!».

A estas lutas e a várias outras que se não referem (só estão citadas as greves e paralisações) muitas mais há a acrescentar hoje, que pelo seu elevado número é impossível descrever.

Ao brutal agravamento das condições de vida devido à super-exploração, particularmente do capitalismo monopolista nacional e estrangeiro protegido pelo governo, e às criminosas guerras coloniais para que M. Caetano diz não faltar dinheiro mas que os trabalhadores pagam com o suor e sangue, a classe operária reage lançando-se num dos maiores movimentos reivindicativos dos últimos anos, em que está dando provas duma unidade e combatividade magníficas.

Em grande parte dos casos os trabalhadores têm obtido a satisfação, no todo ou em parte, das

suas reivindicações (que são, na generalidade, aumentos de salários que vão até 1.500\$00 por mês, 13.º mês, redução do tempo semanal de trabalho, 30 dias de férias e igual tempo de subsídio e outras). Noutros casos têm obtido o compromisso destas virem ser consideradas e atendidas posteriormente. Na Plessey, cuja greve foi em Outubro, os operários tendo continuado a luta por outras formas acabam de obter aumentos que vão de 650 a 1.185\$00, 13.º mês, semana de 45 horas, melhoria de férias e do respectivo subsídio. Também na IMA, pelo prosseguimento da luta, conseguiram aumentos de 400 a 600\$00. Há ainda outros casos em que o patronato resiste ferozmente, em geral apoiado nas forças repressivas como a PIDE DGS, GNR e PSP, que o governo se apressa a enviar em seu socorro.

Sendo certo que os resultados imediatos da luta dependem muito da relação de forças que no momento se estabelece entre o

(continua na 3.ª pag.)

## Preparemos o 1.º de MAIO

TRABALHADORES! ESTUDANTES E INTELLECTUAIS!  
SOLDADOS E MARINHEIROS! ANTIFASCISTAS!

Que cada um dê a sua contribuição para fazer do 1.º de Maio de 1974 uma grande jornada antifascista de unidade e de acção!

Façamos do 1.º de Maio uma jornada de luta por melhores salários e melhores condições de trabalho, pela liberdade sindical, pelo direito à greve, contra a carestia de vida!

Façamos do 1.º de Maio também uma jornada de luta pelas liberdades democráticas, contra as guerras coloniais, pela independência nacional e pela paz!

VIVA A JORNADA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES!

(Extracto do manifesto de Março da Comissão Executiva do CC do PCP)



# Um grande movimento de massas

(continuação da 1.ª pág.)

directo da sua política de traição nacional e das guerras coloniais. A continuação do aumento vertiginoso dos preços dos artigos de maior necessidade indica uma grande incapacidade do governo, mas indica também, e principalmente, a sua inteira subordinação aos monopólios que estão a servir-se da crise para concentrarem cada vez mais nas suas mãos as riquezas do país e acumular lucros sempre maiores à custa de uma maior exploração dos trabalhadores e da ruína dos sectores não monopolistas. Um só exemplo:

Em 1972, o Banco Pinto Magalhães teve «apenas» 24 mil contos de lucros líquidos. Um só ano depois, em 1973, esses lucros líquidos (apenas os confessados) subiram para 86 mil e 300 contos, isto é, um aumento de quase 4 vezes mais!! Serão estes lucros, as tais «vacas magras» de que falou M. Caetano? Quando ele disse que «a situação exige de todos nós maior austeridade», é bem evidente que pensava unicamente nos trabalhadores. Para estes, o congelamento de salários. Para os monopólios, lucros sempre maiores!

## A crise do regime agrava-se

As dificuldades económicas, com relevo para a constante subida de preço dos preços e a inflação incontrolada, fazem prever um grave deficit da balança de pagamentos; o grande isolamento do regime no plano interno e internacional está a acentuar-se a grave situação militar da Guiné, onde as acções militares se estenderam já a Bissau; a gravidade da situação militar, política e económica de Moçambique; tudo isto, juntamente com o amplo movimento de massas que se desenvolve ao longo do país, está a provocar uma profunda crise política no regime.

O governo está a ser acossado por todos os lados e a revelar crescente incapacidade governativa. Avolumam-se as contradições e divergências entre as descontentes hostes de M. Caetano, provocando o que ele chamou um «fervilhar enervante de incertezas e de surpresas». A sua comunicação sobre a situação colonial e a farsa do «veredicto» por ele pedido às suas marionetes da chamada Assembleia Nacional, de apoio à sua política, foi uma tentativa de atenuar divergências e impedir maiores dissenções entre os vários clãs do regime.

O país está a gastar com as vergonhosas guerras coloniais mais de 40% de todas as receitas do Estado, mas M. Caetano afirmou que as finanças «não se recentram» e que «não deixou de se fazer fosse o que fosse» (!!) Teve mesmo a desfaçatez de afirmar que «a defesa do Ultramar (leia-se: guerra colonial), em vez de travão, tem sido um estímulo para o desenvolvimento nacional». Por outras palavras, M. Caetano fez a ignóbil afirmação de que as guerras coloniais têm sido benéficas. Mas para quem?

Não para o país, mas unicamente para os monopólios que ele defende e representa.

«Precisamos de ganhar tempo», «temos de ganhar tempo», tal é o programa da política colonial de M. Caetano e para ele isso significa tempo para os monopólios acumularem mais e mais lucros. Salazar usou outra expressão de igual significado: «aguentar», «aguentar»! Expressões diferentes para uma mesma política de traição nacional.

## Urge pôr fim à guerra colonial

O palavreado malabarista de M. Caetano não pode modificar a realidade: a actual política de guerra colonial está num beco sem saída e, tal como o Partido já afirmou, estão a «amadurecer as condições que colocarão na ordem do dia o fim da guerra colonial e uma solução política do problema».

**O**s desentendimentos no campo fascista não podem desmobilizar a luta contra a guerra e pela independência das colónias.

Marcelo Caetano pretendo que a discussão do problema colonial se limite ao campo fascista e sua Assembleia fantoche. Tal manobra deve ser combatida, fomentando a ampla discussão do problema e a continuação de acções de todo o tipo contra a guerra.

Compete aos democratas e patriotas aproveitar e aprofundar as contradições, dificuldades e conflitos no campo fascista.

Definindo com clareza e firmeza os objectivos populares anticolonialistas, marcando bem as fronteiras com qualquer tipo de «soluções» demagógicas neocolonialistas, prossigamos e incentivemos as acções de massas, a agitação, a mobilização de todas as camadas antimonopolistas e entre as feras armadas, contra a guerra colonial, pelo regresso dos soldados, pela negociação com os representantes da Guiné-Bissau, do MPLA e da FRELIMO.

**H**á doze anos, precisamente em 12 de Março de 1962, ia para o ar a primeira emissão de Rádio Portugal Livre. Fora aberta mais uma trincheira da luta do povo português.

Emissora ao serviço do povo, da democracia e da independência nacional, como nos habituámos a ouvir todos os dias pela voz dos seus locutores, Rádio Portugal Livre tem sido ao longo destes doze a-

nos que agora se completam um valioso instrumento ao serviço da luta do povo português, uma infatigável voz de combate pela liberdade. Ela é uma poderosa voz do nosso Partido, uma voz que o fascismo não pode calar, não pode impedir de chegar às mas-

Até mesmo o general Spínola, um dos que se fartou de anunciar «vitórias» na Guiné-Bissau, confessa hoje ser inviável a vitória militar, reconhece que a continuação da guerra «está promovendo o estrangulamento» económico e, quanto a recursos humanos, diz que «a capacidade de mobilização ronda os limites».

Mas seria ilusório pensar-se que as ideias federativas de Spínola têm alguma coisa a haver com o reconhecimento e a aceitação do direito à imediata independência dos povos das colónias. O facto de o governo ter autorizado a publicação e uma intensa publicidade do livro de Spínola, depois de o promover ao 2º mais elevado cargo da hierarquia militar, é uma expressão das contradições e divergências existentes nas fileiras do regime, mas divergências à volta de fórmulas «novas» que permitam prolongar a dominação colonial. A indicação de M. Caetano, de «acelerar soluções políticas» para o que eles chamam «autonomia», confirma a denúncia feita pelo Partido («Avante!» de Janeiro) de que o governo prepara medidas demagógicas em África.

Confundir essas manobras com «uma plataforma de entendimento», ou afirmar-se que pela 1ª vez «o regime não se identifica com o governo», ou falar-se numa «eventual evolução do regime em sentido liberalizante», como o fez um jornal e um agrupamento da Oposição democrática, julgamos que é ir ao encontro das ilusões que o governo e o regime procuram forjar com as manobras a que se vêm forçados a recorrer para sobreviverem.

*O governo e o regime atravessam uma gravíssima crise. Mas será somente pelo desenvolvimento da luta reivindicativa da classe operária e do movimento unitário de massas, pelo fortalecimento das organizações do movimento democrático e dos vários movimentos específicos, pela intensificação das suas acções de massas, que poderão obter-se novas vitórias e sucessivos avanços na luta por melhores condições de vida e pelo derrubamento do fascismo, pelo fim das guerras coloniais, pela conquista das liberdades democráticas e da independência nacional.*

de as informar, de as esclarecer, de lhes transmitir as consignas justas na sua luta de todos os dias pelo pão, pela liberdade, pela paz, pela independência nacional.

Denunciando diariamente os crimes e as ilegalidades fascistas,

## RÁDIO PORTUGAL LIVRE Doze anos de combate pela liberdade

a exploração capitalista, a submissão ao imperialismo e a política de traição nacional do regime ao serviço dos monopólios, as guerras coloniais e os crimes dos colonialistas; divulgando as grandes e pequenas lutas dos trabalhadores, da juventude, dos estudantes, dos



## Contra-revolucionários

*Quem passou o original para o ocidente não se sabe. Mas sabe-se que o novo livro de Soljenitsine foi publicado simultaneamente em vários países, lançado pelas cadeias de jornais do grande capital, e retrançado pela Voz da América... em língua russa. Quem agora faz o maior barulho são os reacçãoários. Na RFA, os nazis do N.P.D. abertamente o apadrinharam. Há razões para isso. Soljenitsine é bem o homem deles.*

*Caiu a máscara do pretense «liberal» defensor da legalidade socialista. O anti-comunista, o anti-soviético, o contra-revolucionário descobre a verdadeira face. Para ele a Rússia dos czares era melhor que a Revolução de Outubro. Lamenta a vitória da URSS sobre a Alemanha nazi. Faz o elogio de Vlassov, o general que tratou a sua pátria e se integrou nas criminosas hordas hitlerianas.*

*Não se trata já apenas de um instrumento do anti-sovietismo. Trata-se de um seu agente.*

## Moeda de troca

*O «Expresso» descobriu há tempos «quatro trunfos portugueses», em que se pode e deve basear o futuro do país. Quatro mercadores que, no entender dos liberalizantes, se devem mercadejar internacionalmente. Uma é o petróleo... de Angola, que (dizem eles) é «a melhor moeda de troca que se pode encontrar». Outra é o urânio para vender em almofada aos imperialistas fabricantes da bomba atómica. Os outros dois são as ilhas dos Açores e Cabo Verde para bases militares agressivas da NATO reformada. Será este o projecto político da «Terceira Força»?*

## Quem?

*Com ares de revista, intitula-se «Seara Vermelha». Escrita em português. Editada em França. O nº 1 tem data de Junho de 1973. Aspecto: 36 páginas, de papel de luxo e profusamente ilustradas. Edição para custar boas dezenas de contos. Quem faz? Quem paga? Ao lerem-se dois únicos artigos de noticiário sobre países estrangeiros (um sobre a Universidade de Tirana, outro sobre um Congresso de Ortografia da Língua albanesa!) poderia pensar-se vir a ajuda desses lados. Mas ao lerem-se os sórdidos ataques ao movimento democrático e às forças revolucionárias em Portugal, ao ler-se a instigação de ligação com o PCP clandestino de pessoas residentes em Portugal (!) e de iniciativas que cá têm lugar (!), é-se levado a pensar que quem paga é a PIDE. A dúvida fica porém, Tirana ou R. António Maria Cardoso?*

camponeses, dos militares, das mulheres; transmitindo palavras de confiança no futuro, de certeza na vitória inevitável contra o fascismo e o colonialismo; apelando para a acção das massas, para a unidade dos trabalhadores e dos antifascistas na luta contra a exploração e a opressão — Rádio Portugal Livre desempenha um importante papel na luta geral do nosso povo para se libertar da tirania fascista e conquistar uma vida melhor, livre e independente.

«AVANTE!» saúda com profunda amizade a equipa de Rádio Portugal Livre, na passagem de mais este aniversário.





# Mais de 100.000 trabalhadores em luta

(continuação da 1.ª pág.)

que dificultam ou atrasam a vitória, esta depende fundamentalmente da boa organização, sólida unidade e firmeza dos trabalhadores, não apenas durante as fases superiores da luta mas antes e depois delas.

## Um novo surto de greves e paralisações

Na continuidade das lutas já relatadas, numerosas outras eclodiram em várias zonas do país. Na indústria metalúrgica o movimento de greves e paralisações atinge muitas empresas, entre as quais algumas das maiores do país. É o caso da Metalúrgica Duarte Ferreira (Tramagal), com cerca de 1.200 operários, que paralisou durante toda a tarde de 5/2 e o da Fundição de Geiras, com cerca de 1.000 operários e com paralisações em 1 e 4/2.

Na Fábrica de Limas Tomé Feteira (Vieira de Leiria) os operários começaram uma greve de braços caídos na manhã de 5/2, exigindo um aumento imediato de 25%. Ao regressarem do almoço encontraram os portões fechados e a exigência do explorador Tomé Feteira de assinarem uma «Declaração» redigida em termos de uma inqualificável baixa moral e levando à perda de todos os direitos adquiridos. Os operários repelem tal humilhação e passam a ficar fora dos portões da fábrica durante as horas de trabalho. Um grandioso movimento de solidariedade se desencadeou por todo o país com recolha de fundos (já foram recolhidos centenas de contos), géneros e roupas, envio de telegramas de protesto ao M. das Corporações e outras acções em favor dos operários. Caravanas de carros têm-se deslocado a Vieira de Leiria, a entregar dinheiro e géneros recolhidos num magnífico exemplo de solidariedade operária. Ainda em Vieira de Leiria, a Fábrica Portuguesa de Limas também fez greve de 5 a 15-2.

Na Marinha Grande foi praticamente total a paralisação na indústria metalúrgica e na indústria vidreira e ainda nas fábricas de moldes Aníbal H. Abrantes e Emídio Maria da Silva. Em 8-2 toda a indústria vidreira (com excepção da Fábrica da Boa Vista) paralisou em sinal de protesto contra os 15% oferecidos pelo Grémio na contraproposta de revisão do CCT e por aumento imediato de salários. Paralisou também a empresa de madeira Sapré.

Em Torres Novas deram-se paralisações em várias empresas em começos de Fevereiro. Foram os operários da Metalúrgica do Nicho, da Costa Nery, os da Metalúrgica da Videla, os 200 metalúrgicos dos Claras e ainda os operários duma empresa em Barreira Alva.

No Porto, 150 metalúrgicos da Secometal e BSB (Sacor) fazem greve de 9 a 11-2 para exigirem o pagamento de salários atrasados. Obrigam a empresa a fornecer-lhes autocarros para se deslocarem ao Sindicato e ao INTP. Dois dias depois, desfilarão pelas ruas da cidade, apresentam-se

nos escritórios da empresa, donde só saem ao fim de várias horas após terem recebido os 10.000\$00 cada, conforme exigiam. Deram-se paralisações na Companhia Portuguesa do Cobre, na Neolux, na Fábrica Leão, na Eduardo & Ferreirinha (EFI), na Sepsa, na Oliveira & Ferreirinha, na Electro-Cerâmica do Candal (Gaia), na Vilar, na Reo (tintas), na Metalurgia do Casai (Ílhavo), na Sonafi.

Em Coimbra, tem havido lutas em várias empresas metalúrgicas e de cerâmica, bem como nos Estaleiros da Figueira da Foz.

## O movimento alarga-se na região de Lisboa

Na região de Lisboa, coincidindo com a greve na Sorefame, houve paralisações em várias pequenas empresas, como nos laboratórios Reussel e na Comportel. Posteriormente deram-se greves na CIM (Centro Industrial Metalúrgico — Cacém); na Tudor (Castanheira) durante 2 dias; novamente na Melka (capitais suecos — Cacém); nos laboratórios Cipan

(Carregado); na Lapiidação de Diamantes (C. Ruivo); na J. Pimenta (Cascais); na Iberfal, greve de mais duma semana em Fevereiro; na Hipertex (tapeçarias no Cartaxo — grupo CUF); na GIL (General Instruments Lusitana — Arruda). Nesta empresa, com mais de 1 000 operários e de capitais estrangeiros, também já tinha havido greve há alguns meses. As reivindicações de agora são também aumentos de salários, férias, redução do tempo de trabalho e outras. A Administração tentou, por meio de ameaças através de instalações sonoras fazer retomar o trabalho, mas sem êxito. Mantiveram-se todo o dia 21-2 em greve e só recomeçaram no dia seguinte, tendo dado um mês ao patrão para resolver.

No Metropolitano de Lisboa houve várias paralisações nos dias 19 e 20-2 nas oficinas e paralisações parciais no movimento, após a entrega dum abaixo-assinado por 1.500\$00 de aumento, semana de 40 horas e melhores condições de segurança. A polícia ocupou as estações terminais de Sete Rios, Entrecampos e Alvalade e

manteve-se aí até fecharem. Diminuiu o número de composições em circulação e no dia 21 esta parou entre as 13 e 14 horas, dando lugar a grandes protestos do público contra a Administração.

Na Margem Sul os 2.000 trabalhadores do Arsenal do Alfeite fazem greve de 18 a 20-2. Começando com uma concentração junto da Administração, a quem os operários exigem um aumento de 1.500\$00 mensais, a greve só termina quando o M. da Marinha manda comunicar que resolveria o problema até ao fim de Março. Esta luta foi seguida a 100%, aderindo a ela os empregados dos escritórios e dos departamentos técnicos. Também cerca de 1.000 operários da Timex (fábrica de relógios — Almada), fizeram greve em 8 e 9 de Fevereiro. Fizeram ainda greve os operários da Parry & Son.

## Outras lutas nas empresas

Em numerosas outras empresas deram-se ou estão em curso lutas por aumentos de salários e outras reivindicações, que não assumiram ainda as formas de paralisação ou greve mas que nem por isso deixam de ser importantes e que se inserem igualmente neste vasto movimento reivindicativo.

Assim, fazem «cera» os operários da Siderurgia Nacional; os das secções de construção da Lisnave; as operárias da Camisaria Moderna (ateliers).

Fazem greve às horas extraordinárias os operários da Equimetal (Barreiro — grupo CUF); os trabalhadores da Eduardo Jorge (camionagem — Queluz); operários da CUF; os da Babcock & Wilcox (tintas — S. Mamede de Infesta); os da Moagens de Santa Iria.

Fazem concentrações ou reuniões os operários na Casa Hipólito; os da MEC (V. Franca); os da Soda Póvca.

Com abaixo-assinados e outras formas de luta movimentam-se os operários da Lever (Sacavém); os da Corgal (Belas); os da Tabaqueira (Albarraque); os da Mavil (V. Franca); os da Sital (tintas — Ovar); os tractoristas de Alpiarça.

*Os operários da Alumina, através duma ampla comissão, conseguem que a gerência atribua categoria a cerca de 50 operários, com o respectivo aumento de salários.*

*As empalhadeiras da Empresa Vidreira de Pataias concentram-se junto da fábrica e exigem as indemnizações a que têm direito devido ao encerramento da empresa.*

*Os operários da Oliva, continuando a luta pela recuperação do 13.º mês, conseguem um subsídio igual a um mês de trabalho no fim do ano.*

*No «Diário de Notícias» foi entregue em 21-2 um abaixo-assinado pela quase totalidade do pessoal de escritório e pessoal menor exigindo aumento de vencimentos.*

*Na Sorefame, a morte dum operário esmagado numa prensa provoca uma onda de revolta em toda a fábrica. A Administração apercebendo-se da disposição dos operários de paralisarem o trabalho, apressou-se a anunciar que quem quisesse ir ao funeral estava dispensado e havia camionetas. Numa grande manifestação de unidade, 1.500 operários em 20 camionetas foram acompanhar o seu camarada até ao cemitério de Beias.*

## Nem demagogia nem repressão FAZEM RECUAR OS PROFESSORES

Veiga Simão, o «reformador», a estrela do firmamento marcelista, percorre o país e as colónias: faz discursos, univérsidades no papel, promete dinheiro a rodos para retocar a fachada. Alicia um ou outro oportunista para se dar ares de liberal. Distribui bonús de 500\$00 a alguns professores que pretende transformar em burocratas de secretaria ou em denunciadores dos seus colegas.

Mas os professores não se deixam embalar. Organizam-se e lutam. Nos liceus, escolas técnicas, no ensino preparatório a recusa do novo Estatuto que V. Simão pretendeu impôr foi unânime. A luta por vencimentos condignos, pelos direitos dos professores, pela dignificação do ensino alarga-se aos professores secundários de todo o país e aos professores primários.

O «reformador liberal», raivoso por não conseguir domesticar os estudantes em luta, transforma a sua «batalha da educação» em batalha da repressão.

## Illegalizados os Grupos de Estudo

Os Grupos de Estudo do Pessoal Docente do Ensino Secundário e Preparatório eram, e são, o ponto de encontro e coordenação das aspirações e reivindicações dos professores. As suas reuniões à escala regional ou nacional, os colóquios e os documentos ou as iniciativas levadas a cabo foram importante factor de mobilização, contando-se por milhares os docentes que neles participam.

Justamente preocupados com a desqualificação da profissão, com os magros vencimentos incompatíveis com o aumento do

custo de vida, foi recentemente lançado um abaixo-assinado nacional reivindicativo ao mesmo tempo que dezenas de telegramas eram enviados de diferentes estabelecimentos de ensino reclamando aumentos, tal como o haviam obtido os militares.

Este abaixo-assinado nacional foi entregue em fins de Fevereiro com 3.300 assinaturas de professores!

M. Caetano faz um discurso ameaçador, seguido dos ecos de V. Simão. Depois, as circulares para todos os estabelecimentos ilegalizando a «associação secreta e subversiva» (todos os documentos dos G. E. eram assinados por centenas de professores!) e tornando os professores sujeitos a penas de expulsão e prisão nunca inferior a 8 meses. E, ao mesmo tempo, circulares confidenciais convidando reitores e directores à denúncia e ao papel de polícia (o que, aliás, alguns repudiam).

Esta «reforma» pretendia dois objectivos: intimidar e isolar os professores mais combativos. Objectivos que não conseguiram lograr, perante a amplitude do movimento dos professores e sua reacção imediata.

Três semanas depois da circular pidesca do MEN, foi entregue um abaixo-assinado com 1.500 assinaturas de professores, defendendo a legitimidade dos Grupos de Estudo e a sua acção em defesa do ensino e dos professores, numa clara recusa da medida repressiva que os veio atingir.

A luta dos professores deve ser calorosa e activamente apoiada, nomeadamente pelos médicos, engenheiros e intelectuais. Só assim se fará recuar a batalha da repressão do MEN.



# LUTA SINDICAL

Proseguindo o movimento iniciado nos últimos meses do ano passado para a revisão das tabelas de retribuições mínimas do CCT, a classe metalúrgica continuou a realizar grandes assembleias e reuniões sindicais por todo o país em algumas das quais participaram milhares de trabalhadores como sucedeu em Lisboa, Barreiro e novamente no Porto. Mas em muitas outras terras como V. Franca, T. Vedras, T. Novas, Aveiro, Braga, Guimarães, V. do Castelo, Famalicão, realizaram-se igualmente amplas assembleias com a participação de largas centenas de trabalhadores. São à volta de 25.000 os metalúrgicos que participaram já neste conjunto de assembleias.

Trata-se efectivamente dum grande movimento da classe, de norte a sul do país, em luta pelo salário mínimo de 6.000\$00 para o trabalhador adulto. E o apoio dos operários à acção dos dirigentes sindicais nas suas discussões com os representantes do patronato não se tem manifestado apenas nas assembleias. Muitas outras acções têm sido realizadas. Uma concentração de cerca de 300 trabalhadores no local a quando duma reunião Sindicatos-Grémios, no Porto, para entregarem uma inoção aos representantes do patronato; um desfile de cerca de 1.000 operários pelas ruas do Porto, o envio de centenas de telegramas de várias regiões do país aos dirigentes sindicais, aos Grémios e ao Secretário de Estado — são alguns exemplos.

Nesta grande batalha sindical que tem posto em acção dezenas de milhares de operários metalúrgicos de todo o país, a acção repressiva das autoridades administrativas e policiais tem estado sempre presente. Desde a proibição de assembleias, à tentativa de proibição doutras, à intimidação e chantagem junto de proprietários de instalações onde se realizam, até à presença da polícia noutras, aos aparatos policiais no exterior e à brutal intervenção dum numerosa força da GNR numa assembleia no Barreiro, tudo isto as forças repressivas têm recorrido para tentarem impedir o prosseguimento e desenvolvimento da luta. Mas o movimento, porque de massas, tem tido força para nalguns casos fazer recuar a repressão.

Os motoristas de Lisboa prosseguem a luta pelo novo CCT que se arrasta há bastante tempo, situação a que não é alheio o desinteresse dos lacaios da Comissão Administrativa. Numa recente reunião na sede, a que compareceram mais de 200 motoristas, estes exigiram do presidente da C.A. informações sobre o estado das negociações, e que o mesmo senhor explicasse por que não compareceu nenhum elemento da referida C.A. à reunião dias antes marcada para a «Voz do Operário».

Também para o mesmo fim se realizou há tempos uma reunião em T. Vedras em que participaram cerca de 200 motoristas.

Só a pressão e a vigilância da classe poderá fazer com que as coisas andem mais depressa e o resultado não seja um logro.

A coberto duma escandalosa impunidade continua a repressão patronal aos dirigentes e activistas sindicais, particularmente aos delegados. E já comprido o rol dos despedimentos, cujo motivo tem sido apenas o recusarem-se os delegados sindicais a serem os tais «elementos de colaboração com as entidades patronais», como pretende o governo de acordo com o projecto de Estatuto há pouco enviado à Câmara Corporativa, e pretenderem ser, pelo contrário, como é de sua obrigação, elementos de denúncia das ilegalidades dos patrões e de defesa dos interesses dos seus camaradas.

Depois de vários casos como António Proença e Mário de Jesus (da Grão-Pará), Domingos Lopes (da GIL), Amália Roque (da Plessey), Costa Tavares (da Robbialac), Caiano Pereira (processo disciplinar — da Nitratos) e outros, foi recentemente a vez de Alberto Timóteo (do Banco do Alentejo). Tal como em casos anteriores, um amplo movimento de solidariedade se gerou à volta

**A repressão** continua a ser uma das direcções principais da política do governo fascista de M. Caetano.

Perante a grande vaga de lutas reivindicativas da classe operária, a PIDE-DGS, GNR e PSP acorrem apressadamente em socorro do patronato, como tem acontecido em numerosas empresas, interrogando, ameaçando e intimidando os trabalhadores, pretendendo obrigá-los a submetem-se à desenfreada exploração dos capitalistas.

Têm sido chamados à Pide para interrogatórios vários dirigentes e delegados sindicais numa clara acção intimidativa, sindicatos têm sido submetidos a buscas pela Pide, a muitas assembleias tem sido imposta a presença da polícia, muitas outras assembleias, colóquios, reuniões têm sido proibidos. Continua por esclarecer a morte do presidente do Sindicato dos Motoristas de Braga há mais de um ano, que tudo indica ter sido assassinado por mercenários ao serviço do patronato e que as autoridades não estão interessadas em desvendar.

Depois das «eleições» já foram presos muitas dezenas de antifascistas, democratas, católicos progressistas, estudantes, a tortura continua a ser o método arvorado em instituição com que os criminosos da PIDE-DGS tentam arrancar declarações aos presos. O democrata Joaquim Carreira sofreu 15 dias de tortura do sono; o estudante de medicina António Duarte, 17 dias em três períodos; o democrata Marco Antunes, 7 dias; o ex-candidato Mário Rodrigues, vários dias; os jovens estudantes liceais de Lisboa e Évora, Pedro Filipe e Francisco Baião, de 15 e 16 anos respectivamente, foram barbaramente espancados; muitos dos antifascistas presos ultimamente sofreram simultaneamente a cruel tortura do sono (que em alguns casos se prolongou por mais duma dezena de dias seguidos) e brutais espancamentos a chicote de 4 em 4 horas.

**Há que intensificar a luta contra a repressão e a tortura, exigir a libertação dos presos políticos.** Numerosas acções têm

## Grande vitória dos camponeses de Talhadas

A população de Talhadas do Vougo, em peso, celebrou uma grande vitória na sua luta pela recuperação dos baldios roubados pelos Serviços Florestais ao povo da região.

No dia 4 de Fevereiro foi finalmente assinado o acordo a que chegaram a Direcção dos Serviços Florestais e a Junta de Freguesia. Embora não tenham sido satisfeitas na sua totalidade as reivindicações apresentadas pelo povo de Talhadas, a vitória alcançada foi importantíssima. Regressaram a posse da freguesia todos os terrenos ocupados ilegalmente pelos Serviços Florestais em 1938 e foram devolvidos a particulares 80 hectares igualmente roubados pelos mesmos serviços. Foram restituídos e definidos os limites dos logradouros comuns das povoações das Arais, Talhadas, Silveira e Freixo. Em toda a área submetida ao regime florestal os camponeses podem passar a apascentar livremente os seus rebanhos, tocar o mato e apasturar lenha. As povoações de Doninhães, Seixo e Maciã serão libertadas da mata que as asfixiava e defendidos os limites legais de segurança exi-

gidos pelo povo.

Foi reconhecida à Junta de Freguesia a autoridade reivindicada de decidir sobre os problemas da sua área de competência. A Junta passará a administrar a área que lhe foi devolvida, pagando aos S.F. 25% do rendimento das zonas por eles arborizadas e receberá por sua vez 25% do rendimento de toda a restante área que fica na posse dos S.F.

Se nos aspectos materiais a vitória dos camponeses foi substancial, não foi menos importante que as autoridades fascistas tivessem sido obrigadas a vir, pela primeira vez, reconhecer oficialmente a legitimidade das reivindicações dos povos à posse dos seus baldios roubados pelos S.F.

O grande movimento pela recuperação dos baldios iniciado em 1970 pelos camponeses de Talhadas e continuado pelos do Préstimo, Paradelo do Vougo, Ribeirão, Cabreiros, Albergaria-dos-Cabros e doutras regiões do Norte, ganha desta forma um enorme incentivo, melhores condições para a conquista de novas vitórias.

de A. Timóteo e de protesto contra a prepotência patronal.

Entre as acções levadas a cabo contam-se a entrega ao banco duma exposição colectiva aprovada numa Reunião de Associações, que só à terceira tentativa pôde ser entregue em virtude da intervenção violenta da polícia que lançou granadas de gases lacrimogénios e fez prisões; boicote dos serviços do banco; abai-

xo-assinados e telegramas dirigidos à gerência exigindo a readmissão; o envio de moções e telegramas por milhares de trabalhadores doutros sectores profissionais ao M. das Corporações.

A solidariedade internacional esteve presente pela secção sindical da CGT do Crédit du Nord — Paris que protestou também junto do banco e das autoridades.

## ALTO À REPRESSÃO!

sido levados a cabo com este objectivo, mas é preciso ampliá-las.

Documentos denunciando as prisões e abaixo-assinados foram postos a circular pelo Movimento Democrático de Aveiro, pela libertação de Mário Rodrigues (cerca de 1.000 assinaturas), de Évora pela libertação de dois jovens militares, de Setúbal pela libertação de Marco Antunes e do jovem ex-candidato Adilo Costa. Foram ainda enviados vários telegramas a M. Caetano e ao M. do Interior com o mesmo objectivo. Em Palmela, um grupo de católicos enviou um telegrama às mesmas autoridades exigindo a libertação do padre da paróquia, e cerca de 1.000 pessoas assinaram um requerimento no mesmo sentido. Os empregados de seguros fizeram um abaixo-assinado pela libertação de Rogério de Carvalho.

Os estudantes têm feito greves, manifestações de rua, concentrações e exposto cartazes contra a repressão e pela libertação dos estudantes presos.

Estes são apenas alguns exemplos, pois muitas outras acções têm sido realizadas nestes últimos meses. Aida Magro enviou uma carta

ao Presidente do Conselho reclamando que seu marido e outros presos sejam postos em liberdade, carta que tem sido bastante divulgada e em que são denunciados os processos de tortura moral a que estão submetidos os presos políticos e revelado o grave estado de saúde de José Magro e doutros presos.

As dezenas de milhares de assinaturas recentemente recolhidas para a Amnistia e outras acções devem constituir um estímulo à continuação e reforço da luta pela libertação dos presos políticos, entre os quais se destaca, pelos anos de prisão sofridos, pelo seu estado de saúde e pelas torturas de que foram alvo, António Dias Lourenço, José Magro, António Gervásio, Ângelo Veloso, Rogério de Carvalho, Manuel Pedro, Dinis Miranda, Carlos Domingos, Horácio Rufino.

Avante na luta contra a repressão e a tortura, pela libertação dos presos políticos, pela Amnistia!

## ALTO À TORTURA!





# Conferência dos PC

(continuação da 6.ª pág.)

Essa sua mensagem é ouvida e compreendida pelo nosso povo. Pela nossa parte, daqui nos dirigimos aos povos da Guiné-Bissau, de Moçambique e Angola, aos partidos revolucionários que dirigem a sua luta libertadora (o PAIGC, o FRELIMO, o MPLA), aos seus heroicos dirigentes, aos outros povos ainda submetidos ao colonialismo português e a todos queremos uma vez mais assegurar: os comunistas e o povo de Portugal estão convosco! A nossa luta contra a guerra colonial e o colonialismo só terminará, quando puderdes finalmente construir o futuro das vossas pátrias, livres e independentes!».

A. Cunhal falou então do imperialismo oeste-europeu e do neocolonialismo, sublinhando que «o proletariado da Europa capitalista tem particulares deveres de solidariedade para com os povos explorados pelo imperialismo europeu».

Abordando a luta pelo socialismo afirmou: «Em nenhum dos nossos países se repetirá a situação em que teve lugar qualquer das catorze revoluções socialistas até hoje vitoriosas. Para nenhum dos nossos partidos se trata de copiar qualquer delas. As revoluções não se copiam nem se imitam. Não existe hoje um «modelo» de socialis-

mo, como tão pouco haverá um «modelo» de socialismo europeu-ocidental. Na Europa ocidental, como nas outras partes do mundo, em cada país o socialismo apresentará soluções originais, produto da actividade criadora das massas e da sua vanguarda revolucionária».

«Saudaremos amanhã com infinita alegria «o socialismo com as cores da França», o socialismo tal como será construído em Itália, o socialismo que acabará por triunfar em cada um dos países aqui representados. No que respeita a Portugal, não é por acaso que a bandeira do nosso Partido, a bandeira vermelha com a foice e o martelo, tem (segundo os Estatutos) pressas duas fitas com as cores nacionais portuguesas. Também em Portugal as condições concretas do país e o processo revolucionário imprimirão ao socialismo particularidades nacionais».

«É pois não só legítimo como necessário que cada partido procure, de forma criadora e com independência, o caminho que conduzirá ao socialismo e as soluções aos problemas que defronta nas condições específicas do seu país». Mas só o poderá conseguir «se tem em conta as experiências históricas da Revolução de Outubro e das outras revoluções socialistas e não es-

quece os traços fundamentais, gerais e universais da revolução socialista».

A. Cunhal sublinhou ainda o poder de atracção do socialismo tal como existe, a campanha de «denegrimento da realidade nos países socialistas e em primeiro lugar da União Soviética, o país onde existe a sociedade mais avançada e progressista e que é a maior fortaleza dos trabalhadores e dos povos de todo o mundo», e a necessidade de combater firmemente essa campanha.

A. Cunhal abordou ainda a universalidade e indivisibilidade do movimento comunista internacional e a necessidade do «reforço da sua unidade de acção e da sua coesão ideológica, na base do marxismo-leninismo, do internacionalismo proletário».

«Devemos estar prontos a examinar, com todos os partidos irmãos dos países socialistas da Europa, os problemas de toda a Europa e com todos os partidos irmãos os problemas de âmbito mundial. Vai sendo tempo de avançar a troca de ideias a esse respeito».

A terminar referiu a acção unitária do PCP e a sua prontidão a «participar e a trabalhar para que participem outras forças políticas portuguesas, em iniciativas unitárias internacionais com os objectivos de acção comum definidos nesta Conferência».

## Colóquio Europeu SOBRE O BRASIL

Nos dias 12 e 13 de Janeiro, por iniciativa de 9 organizações progressistas-partidos (P.C.F., P.S., Mop, Esq. Radical Soc.), sindicatos (CGT, CFDT, FEN) e outras, teve lugar em Paris um Colóquio europeu sobre o Brasil, no qual participou o P.C.P.

Em nome do nosso Partido, o camarada António Santos manifestou a solidariedade dos comunistas portugueses para com os comunistas brasileiros, a classe operária e todas as forças democráticas e patrióticas do Brasil, afirmando que «a solidariedade de todas as forças progressistas contra os regimes ditatoriais é uma tarefa primordial da nossa época». Acentuando que «a libertação do povo brasileiro será sua própria obra» e manifestando «plena confiança na sua vitória», pôs em destaque alguns aspectos análogos entre a ditadura militar fascista do Brasil e o regime fascista em Portugal.

Os objectivos da chamada Comunidade luso-brasileira foram desmascarados, nomeadamente as tentativas dos fascistas-colonialistas com vista a obterem do Brasil apoio económico, militar e diplomático para prosseguirem, em melhores condições, as criminosas guerras coloniais. Foi salientado o fracasso dos seus esforços visando estender a OTAN ao Atlântico Sul, o que se torna cada vez mais difícil no próprio seio deste bloco agressivo em virtude das lutas das forças da paz em Portugal, nas colónias, na Europa e no mundo.

A concluir, o representante do P.C.P. redigiu uma mensagem que une os povos português e brasileiro, reafirmando «a solidariedade dos comunistas e do povo português para com a luta do povo brasileiro contra a ditadura e para libertar a sua pátria do imperialismo ianque e mundial».

## QUANTIAS RECEBIDAS DOS AMIGOS DO PARTIDO

António Dias Lourenço	30.00	- F. F.	50.00
Idem (cs)	500.00	- Francisco	50.00
A memória de Catarina	150.00	- H	200.00
A memória de Catarina Eufémia	10.00	- Homenagem Bento Gonçalves	50.00
A memória de Gabriel Pedro	110.00	- Militão Ribeiro	100.00
Idem	110.00	- Idem	40.00
A memória de Sateador Allende	10.00	- Roselra	50.00
Adelino (2 meses)	50.00	- uma amiga	80.00
Abaixo a Pide-DGS	10.00	Casal Comunista (g)	2.000.00
Alentejano	50.00	Casal socialista do Barreiro	200.00
Alentejo (T)	100.00	Catarina	125.00
Alvaro Cunhal	5.00	Idem	115.00
Idem	2.300.00	Catarina Eufémia	20.00
Idem	1.000.00	Chaufeur	15.00
Alvorada	880.00	Colheita	500.00
Amiga operária	20.00	Contribuição especial (1)	193.50
Amigo da loja (2 meses)	200.00	Democrata Alentejano	20.00
Amigo da quinta (2 meses)	100.00	Democrata	20.00
Amigo do P.	1.000.00	Alentejano (2)	15.00
Aos democratas do distrito de Setúbal	20.00	Democrata beirão	20.00
Araújo	123.00	*Dias Coelho presente*	1.800.00
Avante!	115.00	Dias Lourenço	40.00
Avante democracia	50.00	Diniz Miranda	3.000.00
Avante socialismo	20.00	Do Quim e da Ana p.	50.00
Bento Gonçalves (1)	265.00	Amnistia	50.00
Idem (1)	10.00	Dois amigos trabalhadores	150.00
Bento Jesus Caraca	1.000.00	Duas democratas firmes	30.00
Camaradas emigrantes (Out., Nov., Dez.)	450.00	Emigrante alentejano	50.00
Campanha do Natal		Escravo da ditadura fascista	20.00
- Lista n.º 105	1.470.00	Escravo do fascismo	20.00
- Lista n.º 89	75.00	Etrela Angolana	100.00
- Lista n.º 97	1.110.00	Eterna saudade para Gabriel Pedro e sua filha	275.00
- Lista n.º 10	140.00	Fernando Vicente (4)	550.00
- Lista n.º 32	395.00	Fernão Mendes	600.00
- Lista n.º 37	160.00	Fidel de Castro	600.00
- Lista n.º 29	291.00	Francisco Miguel	20.00
- Lista n.º 21	310.00	Glória a Catarina Eufémia	27.500.00
- Lista n.º 6	270.00	Idem	18.500.00
- Lista n.º 5	75.00	Grisalho (50)	30.00
Campanha do Natal		Grupo amigos Gerásio (12)	500.00
- A. J. V.	20.00	Gulherme Carvalho	60.00
- Adelino	500.00	HBA	20.00
- Amigo da loja	500.00	Homenagem a Amílcar Cabral	20.00
- Amigo da quinta	15.00	- Bento Gonçalves	30.00
- Chauffeur	15.00	Joem casa comunista	1.000.00
		Joem do Barreiro	20.00
		Joens da Moita	382.00
		Joens vermelhos (T)	1.800.00
		Lácio	50.00
		Lenae (1)	450.00

Idem (11)	250.00
Liberdade	10.00
Liberdade p. António Dias Lourenço	500.00
Lib. p. presos políticos	20.00
Liberdade sindical	15.00
Liberdade de Dias Lourenço	525.00
Liberdade dos presos políticos	35.00
Lusitano (País)	50.00
Luta pela Paz	220.00
M. Faustina	100.00
Mãe	200.00
Maria Machado	50.00
Máximo Gorki	200.00
Metalurgicos revolucionários	50.00
Moçambique	175.00
Motorista vermelho	20.00
Natcl-773	1.000.00
Idem	800.00
Natal'01	13.500.00
Idem'02	1.000.00
Idem'03	1.290.00
Nova luz	100.00
Operária democrata	20.00
Operário democrata	20.00
Operário vermelho	30.00
PCUS	200.00
Para a vitória do socialismo	5.000.00
Para uma amiga	300.00
Pela amnistia aos presos políticos	20.00
Pela liberdade	20.00
Pela Paz no Mundo	100.00
Pela vitória da classe operária (1)	370.00
Pela vitória dos têxteis do Barreiro	532.50
Pelas mulheres que lutam na clandestinidade	1.520.00
Perseguido político (1)	285.00
Idem (1)	225.00
Idem (2 rubricas)	70.00
Idem (7 rubricas)	20.00
Idem (21 rubricas)	172.50
Idem (37 rubricas)	247.00
Por melhores dias	7300.00
Por um ano novo melhor	20.00
Por uma vida melhor (T)	5.00
Idem (11)	7.50
Rádio	870.00
Reforma agrária	10.000.00
Rosa vermelha	100.00
Roselra (meses)	40.00
Selos soviéticos	200.00
Serra vermelha	2.000.00
Idem	1.000.00

## Rádio Portugal Livre

Transmite diariamente em 3 períodos de emissão. Das 8 às 8.30 em 19, 20, 20.8 e 25 metros. Das 24,20 às 24.50, em 25, 26, 32 e 36 metros. Das 19 às 21 em 19 e 25 metros.

Aos domingos, transmite também das 13 às 13.30 em 19, 20, 25 e 36 metros.

Sindicatos livres	10.00
Idem (2)	20.00
Idem (3)	11.50
Soeiro Pereira Gomes	10.00
Idem - 2 -	10.00
Sofia e Georgete	500.00
*Solidariedade*	290.00
Três Amigos - RA - Um amigo	450.00
Um amigo dos presos e famílias - 1 -	10.00
Idem - 11 -	20.00
Idem - 111 -	10.00
Um cravo vermelho	20.00
Um democrata	10.00
Um emigrante amigo	100.00
Um grandolense	100.00
Um livro	100.00
Um marxista	100.00
Idem	100.00
Um amigo (meses)	40.00
Idem (H)	20.00
Uma oferta	50.00
Unidade antifascista (g)	120.00
Unidade na luta	20.00
Unidos venceremos (T)	20.00
Idem (11)	140.00
Velho camarada	120.00
Venceremos!	200.00
Viva a democracia	10.00
Idem (2)	10.00
Idem (3)	20.00
Viva a Rep. da Guiné-Bissau	352.50
Vitória trabalhadores (BB)	595.00
1 democrata	5.00
1 simpatizante (meses)	20.00
TOTAL:	123.104.00



## Um importante passo para o reforço da acção comum

A realização em Bruxelas, em 26-28 de Janeiro, da Conferência dos Partidos Comunistas dos países capitalistas da Europa foi um importante acontecimento, que pode vir a ter fundas repercussões na política europeia.

Os resultados principais da Conferência consistiram no acordo dos 19 partidos participantes em darem uma resposta comum à política dos monopólios capitalistas europeus, em reforçarem a sua cooperação, em empreenderem iniciativas comuns, em trabalharem para unir na acção as forças democráticas e progressistas da Europa capitalista com objectivos concretos imediatos e com vistas às profundas transformações sociais e políticas, que se impõem nesta parte do mundo.

A Declaração Política aprovada na Conferência sublinha a profunda crise que atinge todos os domínios da vida dos países capitalista da Europa e a nova amplitude das lutas populares.

As modificações na arena internacional e o desanuviamento na Europa criaram uma situação nova mais favorável para o desenvolvimento da luta de classes e da solidariedade recíproca e para o alargamento da acção unitária.

A Declaração ataca vigorosamente a exploração monopolista, as limitações das liberdades, a existência das ditaduras fascistas em Espanha, Grécia e Portugal. Foi posta em relevo a acção das firmas multinacionais e a integração económica e o Mercado Comum, dirigidas pelo grande capital e servindo os seus interesses. Foram desmascarados os planos dum nova organização militar oeste-europeia dirigida contra os países socialistas.

A satisfação das reivindicações dos trabalhadores, a defesa e alargamento das liberdades, o fim dos regimes fascistas, a oposição a pretensões de dominação do imperialismo americano, a segurança colectiva na Europa, a solidariedade para com os povos em luta, foram inscritos como grandes objectivos imediatos da acção comum.

A Declaração sublinha a importância do reforço da cooperação dos partidos participantes, a necessidade dum política de amplas alianças da classe operária, da acção com os socialistas e os cristãos progressistas.

A Declaração termina com um apelo a todas as forças democráticas da Europa e em particular à juventude, com vistas a «emprender sem demora acções comuns sobre as questões candentes da hora actual»: defesa das condições de vida e de trabalho das massas populares, contra as sociedades multinacionais, contra os planos dos adversários do

desanuviamento.

A Conferência aprovou moções de solidariedade aos povos do Vietnam e do Chile e uma declaração sobre os problemas da energia.

As delegações dos partidos participantes expuseram largamente a situação nos seus países e os

seus pontos de vista. A grande maioria verberou as posições dos dirigentes chineses. O papel da URSS e outros países socialistas, a luta contra o anti-sovietismo, a necessidade do reforço da unidade com os partidos irmãos dos países socialistas e de todos os outros países, foram largamente

referidos. A grande maioria dos partidos pronunciaram-se pela realização relativamente próxima dum Conferência dos partidos comunistas de toda a Europa (compreendidos os países socialistas) e pela realização dum nova Conferência Internacional de âmbito mundial.

## Intervenção de A. Cunhal

A intervenção feita na Conferência, em nome do PCP, pelo camarada A. Cunhal está integralmente publicada em «O Militante», n.º 182, de Fevereiro. Limitamo-nos por isso a transcrever algumas passagens mais significativas. As intervenções feitas pelos delegados do PCP em colóquios preparatórios da Conferência serão também publicadas.

A evolução da situação internacional, designadamente o desanuviamento na Europa, (disse o camarada A. Cunhal) «cria condições favoráveis à luta dos povos, à luta do povo português». «O clima de guerra fria aproveitou largamente ao governo fascista e colonialista». O novo clima internacional na Europa é-lhe desfavorável. A sua participação na Conferência dos Estados europeus «não facilitará, antes criará dificuldades, ao prosseguimento da sua política».

«A coexistência pacífica nada tem a ver com qualquer pretensão reconhecimento do statu quo social e político do mundo». «A coexistência pacífica não entrava a nossa luta revolucionária».

Falando dos esforços de certos círculos imperialistas para cortar ainda o caminho ao desanuviamento e à segurança e reacender o clima de guerra fria, o camarada A. Cunhal sublinhou que a actual campanha anti-soviética, entre outros fins, procura comprometer o curso para o desanuviamento.

Tratando da crise do capitalismo na Europa, referiu largamente os problemas do Mercado Comum. «O processo da integração económica europeia é um produto e um factor do desenvolvimento do capitalismo monopolista de Estado e da internacionalização do capital. Apesar de roído pelos conflitos de interesses que opõem os seus componentes, representa a associação dos grandes grupos monopolistas dos países industriais mais desenvolvidos, visando a concorrência no mercado mundial, a absorção ou domínio dos concorrentes mais fracos, a exploração dos recursos e da mão-de-obra de países mais atrasados, o

alargamento do campo de investimentos».

«A integração económica europeia aparece como um factor do agravamento do atraso relativo e da dependência económica de Portugal». O PCP pronuncia-se firmemente «contra uma divisão internacional do trabalho que signifique condenar o nosso país a ter uma indústria subsidiária do imperialismo estrangeiro, uma indústria baseada sobretudo na utilização de mão-de-obra barata e na realização de operações parcelares não qualificadas. Somos contra uma política que entrega os recursos portugueses aos monopólios internacionais e que compromete o futuro desenvolvimento económico independente do nosso país».

«A natureza e a política do Mercado Comum não se podem modificar através da democratização formal das suas instituições, mas apenas através da substituição do poder dos monopólios pelo poder da classe operária e seus aliados nos países participantes».

A. Cunhal tratou em seguida do problema da emigração que «deixou há muito de ser um fenómeno espontâneo». «A importação da mão-de-obra não qualificada é parte integrante da «planificação» e da política de desenvolvimento dos países industriais desenvolvidos».

«A emigração torna-se no nosso país um grande problema nacional». «O nosso Partido luta para libertar Portugal do atraso secular e da submissão ao imperialismo. Lutamos para que não sejam os trabalhadores portugueses e o atraso geral do nosso país a pagarem a solução dos problemas de desenvolvimento de outros países imperialistas». «Desmascaramos os contratos de fornecimento de mão-de-obra que o governo fascista assina com governos estrangeiros, contratos que tornam os governos do capitalismo monopolista de Estado dignos do título de traficantes de escravos dos nossos dias».

«Para o Portugal libertado da tirania fascista e do domínio monopolista, defendemos uma política de desenvolvimento que diminua progressivamente a dis-

tância que o separa dos países desenvolvidos, que permita a rápida elevação do nível de vida, que conduza ao estancamento dessa hemorragia da nossa melhor força de trabalho, ao regresso voluntário dos emigrados, ao interesse e entusiasmo dos trabalhadores portugueses na construção dum vida melhor, livre e independente na sua própria pátria».

A. Cunhal referiu ainda, sobre este assunto, a situação dos trabalhadores Cabo-verdeanos em Portugal, a luta pelos interesses imediatos dos emigrados portugueses nos países capitalistas da Europa e a identidade de interesses e a unidade da classe operária.

Abordando o problema do fascismo, expôs a situação em Portugal, a crise do regime, a suas dificuldades internas, o desenvolvimento da luta popular.

«Esta situação obriga o governo a manobrar, graduando a repressão e a demagogia. Uma coisa porém é certa. Os fascistas não assinarão a sua própria sentença de morte política, concedendo as liberdades democráticas. A libertação do nosso povo terá de ser a sua própria obra».

Expressou depois a opinião de que «nem sempre a situação em Portugal é justamente avaliada». «O fascismo não é um fenómeno do passado. O fascismo português constitui uma base não desprezível da reacção e da agressão imperialista. O fim da ditadura fascista em Portugal teria repercussões na carta política da Europa». De tudo isto resulta a necessidade da intensificação da solidariedade internacional à luta do povo português, para o que existem condições muito favoráveis.

Seguidamente, A. Cunhal atacou o colonialismo e a guerra colonial, falando da posição do PCP e da luta do povo português. Advertiu os participantes de uma nova manobra em preparação pelo governo fascista: «uma pseudo «solução política», que sacrificasse de facto os movimentos de libertação».

«Os dirigentes dos movimentos de libertação nacional numerosos vezes têm afirmado que a sua luta é contra os colonialistas e não contra o povo português.

(continuação na 5ª pag.)